

# ..... ARTIGO .....

## HOMO POETICUS

DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2021i29p56-66>

EDMILSON FELIPE DA SILVA<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo pretende analisar as contribuições do Pensamento Complexo, professadas por Edgar Morin, por meio do cinema, da pintura e da poesia -, formas de expressão que reiteram a dinâmica relacional entre natureza e cultura humanas, bem como homenagear Edgar Morin e Edgard de Assis Carvalho.

**Palavras-Chave:** Pensamento Complexo; Antropologia; Cinema; Pintura; Poesia.

**Abstract:** The article intends to analyze the contributions of Complex Thought, professed by Edgar Morin, through cinema, painting and poetry - forms of expression that reiterate the relational dynamics between human nature and culture, as well as honoring Edgar Morin and Edgard by Assis Carvalho.

Key words: Complex Thinking; Anthropology; Movie theater; Painting; Poetry.

### INTRODUÇÃO

Atribuir aos humanos a condição sapio-demencial para além de *faber, loquens, socius, sacer, ridens* etc. é uma das muitas contribuições do Pensamento Complexo, professadas por Edgar Morin.

Portador de telencéfalo desenvolvido, polegar opositor, postura ereta e aparelho fonador, este ardiloso bípede tornou-se capaz de elaborar incontáveis discursos a respeito de si, dos outros, do planeta em que habita e do universo infinito.

---

<sup>1</sup> Professor de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais, membro do *Complexus* — Núcleo de Estudos da Complexidade, PUC-SP; escritor e poeta. Email, [edmilsonfelipe@pucsp.br](mailto:edmilsonfelipe@pucsp.br); ORCID, <https://orcid.org/0000-0001-9929-099X>



Da conquista do fogo à navegação virtual, o tempo se fez breve: aproximadamente 300 mil anos. Porém, os vestígios foram muitos e, para além de extraordinários, surtiram efeitos inesperados, críscos e catastróficos.

A cada movimento histórico, a cultura incorpora, perde e acumula novos conhecimentos, expressões, crenças, símbolos e comportamentos para dar conta dos desafios cravados no espírito do tempo.

Entretanto, a reflexão sobre a cultura não pode se fechar apenas nas questões sociais e históricas e ignorar sua relação com a natureza. Edgar Morin, em seu livro *O enigma do Homem - para uma nova antropologia*, apresenta uma crítica ao racionalismo científico que separa o sujeito do objeto e propõe uma nova compreensão do homem por meio da dialogia entre cultura e ciência a fim de compreendê-lo na sua totalidade.

Não se deve pensar o homem de forma departamentalizada conforme a objetividade científica exige, mas sim no seu âmbito multidimensional, ao mesmo tempo físico, biológico, cultural e mítico.

Ao introduzir as bases epistemológicas do Pensamento Complexo, Morin rompe com as estruturas marcadas pelo modelo cartesiano e paralelas ao pensamento racional e sugere a importância de dialogizar as consciências objetiva e subjetiva.

Desta forma, tudo que estava determinado numa perspectiva da consciência objetiva precisa ser reescrito e articulado com a subjetividade, aproximando e abrindo o pensamento através de uma rede sistêmica tecida em conjunto.

Este é o primeiro dos operadores da complexidade, a dialogia; e o entrelaçamento dos fenômenos que aparentemente estavam separados: razão/emoção, ciência/mito, sensível/inteligível, real/imaginário.

O homem não é uma unidade divisível. Somos 100% natureza e 100% cultura. A totalidade revela-se maior ou menor do que a soma das partes, pois estas estão sempre abertas para as interações e tensões que, por vezes, formam novas articulações.

A complexidade, portanto, está na combinação, na ambiguidade e na interação entre o particular e o coletivo; e o aspecto peninsular do homem não o isola dos outros seres vivos, muito menos do ambiente do qual faz parte.

O movimento triádico entre indivíduo/sociedade/espécie viabiliza a compreensão simultânea dessas esferas que, quando articuladas, esboçam tensões, irregularidades e complementaridades.

A transformação do cérebro humano não deve ser somente explicada pela sua evolução biológica. O ecossistema, as condições naturais, sociais e culturais também influenciam em determinadas mudanças. O homem muda o mundo que o muda, ou seja, é produtor e produto da mudança. É o que o autor chama de Morfogênese Multidimensional Complexa.

Outro operador apresentado por Morin é a recursividade, colocando em xeque a relação causa-efeito, tão evidenciada pelo cientificismo. Todo sistema vivo passa por um ciclo ativo de retroalimentação e reorganização, em que a causa pode produzir o efeito e o efeito produzir a causa.

É no Tetragrama Organizacional Complexo: ordem/desordem/interação/reorganização que devemos conceber a vida como um anel recursivo de desencantamento, bem como de flutuações, sobrevoos e possíveis reencantamentos.

As transformações que acometem a humanidade vêm com, apesar e por causa desses entrelaçamentos. Sendo assim, a brecha antropológica é um espaço de tensões geradas pelas interações entre objetividade-subjetividade, razão-desrazão, certeza-incerteza. É neste circuito de antagonismos e complementaridades que pensamentos e fontes de criação brotam.

### **CINEMA – PINTURA – POESIA**

Desde a pré-história, a cultura acompanha o homem no seu caminho de sobrevivência e aperfeiçoamento. O homem primitivo fez uso da caverna como dispositivo de sobrevivência ou estratégia de fuga contra elementos da natureza, aperfeiçoou lanças, criou utensílios e registrou seu cotidiano em pinturas rupestres, representações pictóricas que traçaram elos de interação e comunicabilidade.

O sepultamento é, para Edgar Morin, uma das situações em que tal vínculo ocorre, ou seja: é no ato real e concreto da morte que se articulam evocações ao ritual de passagem.

Portanto, ornamentos, canções, rezas e festividades permitem ao homem a articulação entre sensível e inteligível; e o efeito encantatório ritualístico aciona a circulação atemporal e interpretativa na ciranda espiralada e mágica da vida.

Irmãs siamesas, realidade e imaginação nunca mais se dissipam da percepção humana e interagem definitivamente nos desígnios do destino por meio de sonhos, conquistas, lamúrias e projeções-identificações.

Dois filmes ilustram muito bem o parágrafo acima: “Guerra do fogo” – direção: Jean-Jacques Annaud, 1981; e “A caverna dos sonhos esquecidos” – direção: Werner Herzog, 2010.

No primeiro, constata-se o conflito de grupos distintos pelo domínio do fogo e, conseqüentemente, por novas formas de sociabilidade; e o segundo revela a latência onírica exteriorizada no interior das cavernas por meio da pintura.

Articular narrativas fílmicas para ilustrar temas cruciais ao itinerário antropológico como morte, magia, sepultamento e pintura torna-se fundamental, uma vez que tais fenômenos revelam semitranses enigmáticos que acometem os homens ao longo de sua jornada.

Conceituado como um dos pilares enunciadores da dimensão relacional entre imaginação e realidade humanas, o cinema propicia um conjunto de temáticas que revelam trânsitos em dinâmica cultural.

O duplo mistério que envolve o espírito humano e o cinema, como mostra Edgar Morin, é de fato um método processual e ininterrupto que estimula ao mesmo tempo a constatação de uma antropologia do cinema, bem como a cinematografologia do *anthropos*.

A condição humana, portanto, revela-se por meio da leitura dos filmes, e o cinema, antes analisado como máquina, arte da máquina ou arte-indústria, ganha um novo estatuto, pois acentua a magia e o fascínio que habitam o fantástico universo imaginário do homem.

No filme “Glauber - Labirinto do Brasil”, dirigido por Silvio Tendler, 2004, tem-se a filmagem do velório e sepultamento do famoso diretor, como um evento de grandes proporções em que várias personalidades registram suas despedidas por meio de seus gestos e depoimentos.



Em uma das cenas, observa-se uma mulher esfregando as mãos na cabeça e despejando longos fios de cabelo sobre o caixão, como se parte de seu corpo vivo energizasse o morto e o fizesse reviver em outra dimensão; ou como mostra Edgar Morin – em uma transmortalidade –, por onde acredita-se na vivência deste que se deslocou para um outro lugar, ou seja, a realidade antropossocial revela-se a partir do espanto de se descobrir que o imaginário é parte constitutiva da humanidade.

No filme “A partida”, dirigido por Yojiro Takita, 2009, um violoncelista sem recursos financeiros, após várias tentativas frustradas de conseguir um emprego, decide arriscar e trabalhar no preparo de corpos para o sepultamento.

Uma das cenas destaca a dedicação do trabalhador na pintura da face do morto como um momento de cuidado e embelezamento para um possível encontro. Com esmero e dedicação, o trabalhador acentua a dinâmica do afeto, como se lhe desejasse um encontro afortunado e feliz.

Tintas, cores, flores, bijuterias, velas, canções e fotografias destacam a ritualística das despedidas nas mais variadas culturas, bem como a circulação do afeto no momento em que tal articulação ocorre.

O estado anímico e unidual humano na sua ampla e emergente situação de projeção-identificação destaca inúmeros fragmentos que marcam a passagem da vida para a morte.

Outra hipótese levantada por Edgar Morin para comprovar sua tese reside na observação das pinturas rupestres. Estas funcionam como um espaço para a magia e o mito na vida em sociedade, pois apresentam registros de expressão e aprendizagem da vida e dos atos dos seres.

A subjetividade entra em cena no momento presente na criação, ou seja, na representação da vida cotidiana. A brecha antropológica reside na interiorização do mundo externo, bem como de sua exteriorização, por onde se destacam traços de imaginação e emanções individuais e coletivas.

A pintura revela a articulação entre o real e o imaginário, pois ao mencioná-la, Edgar Morin compara a similitude entre técnica e criação, bem como seu efeito mimético e representativo.



Evocamos a pintura dos afrescos rupestres das cavernas pré-históricas, relativas à similitude que uma arte muito consciente requer, quando se trata de combinação de traços e cores e, ao mesmo tempo, uma mimese com o animal representado. Na representação humana, essa mimese pode captar até mesmo a psicologia profunda do retratado, como acontece com Rembrandt (MORIN, E. 2017, p. 75).

É quando o artista captura os acontecimentos do mundo externo e o exterioriza que a explosão entre real e fantástico ocorre, acentuando assim o conteúdo latente e manifesto da obra de arte.

No primeiro caso, o artista ressuscita a magia quando poetiza a realidade; no segundo, a obra nos faz mergulhar em um mundo onírico de novas projeções-identificações.

A criatividade do artista manifesta-se não apenas em e por meio do seu estado de semitranscência, mas também pela atividade consciente de sua mente, que intervém na composição e na perspectiva da visão; por vezes a arte consiste em colocar a cena essencial no plano de fundo ou à margem (MORIN, E. 2017, p. 76).

Ao elaborar um ensaio sobre “Guernica”, de Pablo Picasso, obra produzida em 1937, Carlo Ginzburg destaca, inicialmente, a ênfase que o artista atribui à data de produção da obra de arte.

O fotógrafo húngaro Brassai certa vez perguntou a Pablo Picasso por que ele inscrevia obsessivamente uma data em cada trabalho. Picasso respondeu: Por que você acha que faço isso? Porque não é suficiente conhecer as obras de um artista – é também necessário conhecer quando ele as fez, por que, como, em que circunstâncias [...]. Algum dia haverá sem dúvida uma ciência – pode ser chamada de ciência do homem – que procurará saber mais sobre o homem em geral por meio do estudo do homem criativo. Com frequência penso sobre esse tipo de ciência, e quero deixar para a posteridade uma documentação tão completa quanto possível. É por isso que ponho uma data em tudo que faço (GINZBURG, C. 2008, p. 101).

Datar a obra de arte, portanto, significa reforçar o espírito do tempo em que o artista vivencia e sente o mundo ao seu redor, ou seja, articula e aprofunda as nuances que marcam e redefinem a percepção humana.

A importância da temporalidade em toda e qualquer produção artística acentua também as vivências que caracterizam a transitoriedade da obra de arte.



Durante muito tempo os temas da pintura ocidental foram os retratos, as cenas religiosas, as cenas mitológicas, as cenas históricas, as cenas da vida popular, os espetáculos da natureza. Depois, a partir do século XIX, a arte de pintar propriamente dita, isso a partir dos impressionistas, sobretudo de Paul Cézanne. A figuração se alterou com Picasso. Um novo mundo fantástico aparece com o surrealismo. Durante esse tempo, uma nova arte dos afrescos floresce no México pós-revolucionário, de Diego Rivera a Vladimir Kibalchich Rusakov. Em seguida, a figuração desaparece em proveito de formas, cubos, cores e até mesmo traços negros, como a pintura de Hans Hartung e Pierre Soulages, por exemplo (MORIN, E. 2017, p. 77).

Conforme podemos observar, a pintura emerge na medida em que tais acontecimentos históricos ilustram a vida em sociedade revelando sua autenticidade. Ao pintar um quadro, rabiscar um esboço, compor uma canção, dançar ou escrever, presentifica-se a magia em seu estado maior ou menor de intensificação.

As flutuações dos acontecimentos vividos, sonhados e imaginados expressam o requinte encantado da percepção humana, profundamente marcado pela associação entre natureza e cultura.

Dinâmica, viva, em permanente estado de desençaixe, compreendida como própria ou alheia, representada por determinadas condutas político-ideológicas, influenciada por diversos fatores, regras, conjunto de normas e padrões, a cultura se transforma.

Erudita e culta em contraste com o popular, excluindo e incluindo manifestações artísticas do folclore no coração das massas, a cultura revela-se, molda-se e redefine-se conforme a presença marcante do homem em diferentes contextos históricos.

## POESIA

As palavras,  
sempre elas  
mazelas  
de um argumento  
que feriu a folha:  
branca – lisa  
precisa indução  
que se evaporou  
na mente,  
no estado presente  
em que se fecham os olhos.  
(Felipe, E. 2.000, p. 13)



Freud teve a coragem de introduzir no espaço do saber científico a figura do Dichter, do poeta, severamente apartado pela academia de sua época. Fez do poeta um dos interlocutores primordiais de sua obra. Reconhecia na Dichtung um acesso privilegiado à verdade psíquica (PONTALIS, J.B. e MANGO, E.G. 2013, p. 18).

Segundo Edgar Morin, duas linguagens são produzidas pelos humanos em qualquer cultura: uma, racional, prática e técnica; e outra, simbólica, mítica e mágica. A primeira requer o esforço do cálculo, da investigação por meio da lógica empírica, definida pelo autor como o estado prosaico; enquanto a segunda fundamenta-se e apoia-se na metáfora, na analogia e, conseqüentemente, aprimora o discurso que revela o estado poético.

Podemos classificar o estado poético como o desejo incessante de habilitar a vida e aprimorar vínculos de pertencimentos, muitas vezes considerados distintos do saber científico, porém fundamentais para a compreensão do mundo que nos cerca.

Seu caráter desafiador é proporcionar ao leitor o mergulho em águas distantes e próximas, articular incertezas na turbulência oceânica e conduzir vínculos possíveis de reconhecimento ou estranhamento.

A poesia esboça os ardores da alma, e a tarefa indômita destinada ao poeta é articular o estado prosaico, ancorado no seio fértil da compreensão ao amálgama transitório e efêmero de incompreensão do estado poético, oásis de imaginação, loucura ou delírio.

A presença do HOMO-POETICUS é atemporal. Urge detectá-lo nas inúmeras situações impostas pelo destino, ou seja, nos desafios que escancaram a face de qualquer ser-sujeito no espelho do tempo.

Autônomas e dependentes, a poesia e a prosa constituem, portanto, o tecido de nossa existência e ampliam nossa cosmovisão diante dos desafios apresentados pelo mundo que nos rodeia.

Dois problemas se misturam  
a verdade do universo  
a prestação que vai vencer...

Raul Seixas





Inclinados a suportar esta eterna problemática, o homem passeia num transe lunático em noite de núpcias com a fêmea do firmamento, a dama magistral da abóbada celeste.

Em êxtase, contempla suas nuances, viaja no tempo, o mesmo que o faz correr atrás da sua subsistência, seu dia a dia de labuta e cansaço em ônibus sacolejantes à espera do dinheiro que o fará novamente arcar com as dívidas, dormir e sonhar com dias ensolarados ou noites banhadas pelo luar.

## EDGAR MORIN E EDGARD DE ASSIS CARVALHO

Ao que tudo indica, nada será como antes no pós-pandemia. Se ainda temos o ar, são necessários pulmões para fazê-lo entrar e sair; é preciso sonhar para além dos labirintos: casa, rua, bairro, cidade, país ou planeta.

A gaveta do instante abriu-se para novos achados; fotografias registram histórias perdidas; poemas cantados, colhidos no baú da infância, reverberam pelo diapasão da memória.

Inscritas no sobrevoo do tempo, oralidade, escrita e imagem revelam lugares, saberes libertos em livros, aulas, conferências – presenças marcantes de Edgar Morin e Edgard de Assis Carvalho.

Tradução e escrita também se misturam, se acoplam e clareiam a rota do conhecimento, na medida em que tempo-espaco distintos inspiram leituras, possíveis questionamentos e reflexões.

O contato que tive com a obra de Edgar Morin, por meio das aulas de Edgard de Assis Carvalho, marcam até hoje minha trajetória, tanto na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) como aluno, pesquisador e docente, como na produção literária.

Faróis diurnos-noturnos, Morin e Carvalho, acendem holofotes e iluminam caminhos, trajetos incandescentes na prosa poética da vida. Aos dois, atribuo agradecimentos imensuráveis e reservo um breve espaço deste artigo para render-lhes singela homenagem.

Muito obrigado!



## ODE À COMPLEXIDADE

Eu assimilo fractais & sombras  
 nos quintais  
 da Terra-Pátria.  
 A ordem diurna  
 naufraga  
 na desordem  
 noturna  
 :  
 o relógio  
 de  
 Artaud  
 sucumbe ao ajuste  
 das horas

{toda demência será vislumbrada na casa da verdade acidentada}

da síntese  
 ao conteúdo  
 a natureza  
 é a mesma  
 e a lesma dança  
 pelos conceitos  
 :  
 Literatura ou nada!  
 Imaginário ou tudo!  
 ...  
 No escudo plúmbeo  
 de um céu carregado,  
 teleguiados,  
 bípedes flanam  
 :  
 a soma,  
 o sintoma  
 e o fétido aroma explodem  
 em redes  
 & FAKE NEWS

{o metal-estar não passa na sessão da tarde}  
 o que arde na epiderme

?  
 terra – fogo – água – ar – devaneios – gritos – mitos-ideias.  
 artérias e outros enlaces;  
 brechas-antros  
 à procura de luz,  
 cristais de tempos  
 unguentos na gosma láctea  
 Seja o que for!  
 um beija-flor anuncia o segredo das eras,  
 a teia da vida aquecida  
 em geleiras,  
 revela anéis recursivos & hologramas  
 ...  
 O poeta passeia na praia ou na grama  
*no hay camino*  
*voilà*

[A ciência não lê nosso EletroencéfaloDrama]

## REFERÊNCIAS

CARLO, G. **Medo, reverência, terror**. Tradução de: Federico Carotti, Joana Angélica d'Avila Melo, Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FELIPE, E. **O susto do sapiens**: ensaios antropológicos. São Paulo: Ciência do Acidente, 2000.

MORIN, E. **O enigma do homem**: para uma nova antropologia. Tradução de: Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MORIN, E. **O homem e a morte**. Tradução de: Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

MORIN, E. **O cinema ou o homem imaginário**. Tradução: António-Pedro Vasconcelos. Lisboa: Relógio D'água: 1997.

MORIN, E. **Amor, poesia, sabedoria**. Tradução de: Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

MORIN, E. **Sobre a estética**. Tradução de: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2017.

PONTALIS, J.B., MANGO, E. G. **Freud com os escritores**. Tradução de: André Telles. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

Recebido em: 29.10.21

Aprovado em: 01.11.21